

**PENSANDO O *GRAFFITI* COMO ATRATIVO TURÍSTICO: O OLHAR DO GRAFITEIRO E O CASO DO CIRCUITO CASAS-TELA EM PAVÃO, PAVÃOZINHO E CANTAGALO (RJ)**

Fernanda da Silva Figueira Rodrigues<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente estudo buscou investigar as relações entre *graffiti* e turismo, demonstrando que esta manifestação urbana é um potencial atrativo turístico. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre a história do *graffiti*, entrevistas com grafiteiros e um estudo de caso nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro no ano de 2011. A prática do *graffiti* foi descriminalizada no Brasil no ano de 2011 através da Lei nº 12.408. Esta lei é um estímulo à prática, o que possibilita ainda mais as ações de grafiteiros. O *graffiti* muitas vezes revitaliza locais abandonados, tornando-os mais agradáveis e percebe-se uma maior aceitação da população em geral. Ele vem entrando nas galerias de arte e museus e adquirindo patamar de arte, é uma arte atual, uma arte democrática, pois mesmo entrando nesses locais, sua origem é a rua. O *graffiti* já vem sendo incorporado a roteiros turísticos e isso é demonstrado em alguns casos, em especial no estudo de caso desta pesquisa, as Casas-Tela das favelas supracitadas. Se entendido como arte, o *graffiti* pode se adequar no segmento do Turismo Cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo Cultural; *Grffiti*; Casas-Tela.

**ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Pós-graduanda em Gestão Ambiental pelo Instituto Brasil PNUMA e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Bolsista da CAPES e Tutora a distância do Curso de Licenciatura em Turismo da UNIRIO (Fundação Ciecjerj /Consórcio Cederj). [fernanda\\_sfrodrigues@hotmail.com](mailto:fernanda_sfrodrigues@hotmail.com).



---

The present study investigates the relationship of tourism with graffiti, demonstrating that this urban manifestation is a potential tourist attraction. For this purpose, a bibliographic research on the history of graffiti was done and interviews with graffiti painters were conducted. A case study was also performed in the slums Pavão, Pavãozinho and Cantagalo, located in the South Zone of Rio de Janeiro, in 2011. The practice of graffiti was decriminalized in Brazil in 2011 by Law No. 12,408. This law is an incentive to the practice, which enables further actions of graffiti. The graffiti often revitalizes abandoned sites, making them more pleasant and a greater acceptance of the general population is been seen. It is going into art galleries, museums and even an art buying level. It's also a current art, a democratic art, because even entering these sites, its origin is the street. The graffiti has already been incorporated into tours and this is shown in some cases, especially in the case study of this research, the Casas-Tela of slums above. If taken as art, graffiti can be categorized as Cultural Tourism.

**KEYWORDS:** Cultural Tourism; Graffiti; Casas-Tela.

## INTRODUÇÃO

O *graffiti* como manifestação artística pode ser um atrativo turístico como as demais manifestações existentes. Atrativo turístico é todo lugar, acontecimento ou objeto que determina a seleção, por parte do turista, do local de destino de uma viagem, ou seja, gera uma corrente turística até a localidade. São diversas as galerias de *graffiti* a céu aberto no mundo. No centro de Miami (Flórida), temos a *The Wynwood Walls Art Exhibitions*, que é uma espécie de “marco zero” de um projeto de revitalização da área. Tal projeto vem sendo desenvolvido desde o começo da década de 2000 pelo empreendedor norte-americano Tony Goldman.

A *The Wynwood Walls* é uma galeria de arte inaugurada em 2009 e rodeada de murais grafitados por artistas de rua de várias nacionalidades. Dentre eles, contamos com a presença dos brasileiros Os Gêmeos (Gustavo e Otávio Pandolfo) e Nunca. Característica importante a ser contemplada aqui é o fato de galerias de arte e restaurantes virem se instalando no local que atrai visitantes, estimulando ainda mais o fluxo turístico.

Em seu artigo *El Graffiti: su evolución y percepción social a favor o detrimento de una ciudad*, Peredo Pozos cita o turismo de *graffiti* de Nova Iorque:

Outro exemplo de potencialidades em prol de uma cidade que o *graffiti* pode gerar, é justamente no berço do mencionado *graffiti* atual ou *graffiti* hip-hop de Nova Iorque, onde depois de ter implementado leis e estabelecido esquadrões de polícia anti-*graffiti* nessa cidade, atualmente o setor turístico oferece passeios pelos bairros de Manhattan, Brooklyn e Bronx para mostrar ao turismo, tanto os vestígios como as novas propostas do que nas últimas décadas do século XX era o principal inimigo do cidade, que até à data não foram erradicados, e de onde surgiram ícones da cultura e arte norte-americana como o caso do J.M. Basquiat ou Keit Haring, dentre outros. (POZOS, 2009, p. 5, tradução nossa)

Na Escócia, o Castelo de Kelburn exhibe em sua fachada um colorido e psicodélico *graffiti* feito por artistas brasileiros no ano de 2007. O conde de Glasgow convidou quatro artistas (Os Gêmeos, Nunca e Nina) para fazer a obra de arte em parte da construção em caráter temporário. O *Projeto Grafite* decorou a construção do século

13 e o mural se tornou um grande atrativo para visitantes, sendo o castelo um dos símbolos da Escócia, presente em folhetos promocionais do país, cartões postais e camisetas. O que atraía os visitantes para a região anteriormente eram as trilhas e o contato com a natureza, mas depois da pintura do castelo, o número de turistas aumentou em cerca de 20%.

Em São Paulo, no Brasil, já existem roteiros turísticos de *graffiti*, como os vendidos pela agência de turismo Soul Sampa. Fernanda Ezabella, colaboradora da Folha de São Paulo, diz em reportagem:

passoio dura cinco horas, incluindo um workshop de spray ao final e pausas para almoçar e tirar fotos, especialmente na escadaria da rua Cristiano Viana e no Beco do Batman, uma longa viela de paralelepípedos na Vila Madalena, ambos locais tomados pelos grafiteiros desde os anos 80. (EZABELLA, 2009)

Leandro Herrera, sócio-fundador da Soul Sampa diz que "A ideia é sensibilizar o olhar para a cidade" (apud EZABELLA, 2009). O turismo de fato pode ajudar neste processo de sensibilização.

Nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, situadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, há o circuito das Casas-Tela<sup>2</sup>, circuito que se configura como estudo de caso deste artigo. Trata-se de uma galeria de arte a céu aberto na favela, onde as obras de arte contam a história, as memórias e a cultura local das três favelas que compõem o território. Casas-tela são casas dos próprios moradores que têm suas fachadas pintadas com a técnica do *graffiti*.

Existe ainda no Rio de Janeiro o paredão de 300 m<sup>2</sup> onde foi confeccionado um painel, em frente aos Arcos da Lapa. A iniciativa faz parte do programa de revitalização da área. Os grafiteiros fizeram desenhos que representam os símbolos da região, como o boêmio e o malandro e este painel, além de revitalizar tem como objetivo divulgar a arte do spray e deixar o local mais bonito para receber turistas.

Todos esses casos citados mostram como o *graffiti* tem sido difundido como arte das ruas e manifestação que revitaliza. Vale ressaltar que o *graffiti* também se encontra

---

<sup>2</sup> Categoria nativa.



em espaços privados. A existência de galerias e museus a céu aberto torna a investigação do *graffiti* como atrativo turístico instigante. A arte por si só atrai e o *graffiti* é uma arte que revitaliza e além de tudo, uma arte acessível que se encontra no espaço público, nos grandes centros urbanos, que de maneira geral, são grandes receptores de turistas. O *graffiti* tem se apresentado assim com potencial para ser um atrativo turístico.

Além do potencial supracitado, a alteração do art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 que descriminaliza o ato de grafitar constituiu um grande estímulo para a realização do presente trabalho, especialmente por mencionar em seu texto as possibilidades dos *graffitis* revitalizarem o patrimônio.

Diante disto, este artigo, baseado no trabalho de conclusão de curso de Turismo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), defendido no ano de 2011, tem por objetivo analisar os impactos, significados e possibilidades do *graffiti* como atrativo turístico.

Como método de pesquisa, foi utilizada a revisão de literatura, incluindo a leitura de artigos acadêmicos, livros e materiais disponíveis em sítios eletrônicos. Depois de ter criado uma base conceitual concreta, entrevistas de caráter qualitativo foram elaboradas e aplicadas a grafiteiros. Este grupo foi escolhido para ser pesquisado e não foram incluídos os turistas, logo, foi utilizada uma visão reducionista, apesar de o problema ser sistêmico. Esse fato se deve ao curto espaço de tempo para desenvolver a pesquisa. Tentou-se entrar em contato com o poder público para saber sua opinião sobre o estudo, porém não foi obtido retorno.

Foi realizada também uma pesquisa de campo para a construção do estudo de caso, onde a autora atuou primeiramente como bolsista de Extensão no Projeto Turismo no Museu de Favela (TURISMUF) em 2010 e posteriormente no Programa de Educação Tutorial (PET) do Ministério da Educação em 2011. É importante ressaltar que a autora continua estudando o circuito de *graffiti* em questão em seu Mestrado em Memória Social na UNIRIO através de bolsa de pesquisa financiada pela CAPES, buscando agora compreender novas relações, em especial entre o *graffiti* e a memória social.

### **Algumas considerações sobre *graffiti***

De acordo com Gitahy (1999), o termo *graffitto* vem do italiano e significa inscrição ou desenhos de épocas antigas, toscamente riscados a ponta ou a carvão, em rochas, paredes etc. *Graffiti* é o plural de *graffitto*. No singular, o termo é utilizado para significar a técnica e no plural, refere-se aos desenhos. Outra acepção para o termo é dada por Almeida: “Originalmente o termo *graffiti* englobava todo e qualquer signo desenhado ou gravado na pedra. Do grego “grafein” e do latim “graffiare” tinha, no mundo antigo, a conotação semântica de inscrição icônica e textual” (ALMEIDA, 2008, p.13).

As paredes e muros sempre foram locais onde as pessoas puderam se expressar, em especial, no espaço urbano. Gitahy defende que o surgimento do *graffiti* ocorreu desde os tempos pré-históricos com as pinturas rupestres (GITAHY, 1999). Temos vários outros exemplos de registros nas paredes: o Muro de Berlim do lado capitalista possuía mensagens de protesto, com a revolução estudantil de 1968 em Paris, estudantes pichavam os muros das universidades, disputas entre gangues rivais em Nova Iorque, ditadura no Brasil com mensagens do tipo “É proibido proibir!”, dentre outros.

O *graffiti* (expressão artística) é tido por muitos autores como parte integrante do movimento *Hip-Hop* (modelo americano), juntamente com o *Rap* (música) e o *Breakdance* (dança). Ele nem sempre recebeu boa aceitação da sociedade. No Brasil em 12 de fevereiro de 1998, a Lei Ambiental 9.605, conceituava o *graffiti* e a pichação igualmente, não estabelecendo distinção e declarando a atividade como crime contra o meio ambiente passível de penalidades. Esta lei se somava ao artigo 163 do Código Penal, que tratava dos danos ao patrimônio público e que também não fazia a distinção. Os infratores eram considerados criminosos, sendo fichados e autuados (LEAL, 2009).

Em 25 de maio de 2011, o Congresso Nacional decretou e a Presidenta da República, Dilma Rouseff, sancionou a Lei nº 12.408 que é uma alteração da Lei nº 9.605, de 1998. Tal alteração descriminaliza o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição

de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 anos. Segue o segundo parágrafo do Art.65 da lei em questão:

§ 2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional. (NR) (BRASIL, 2011)

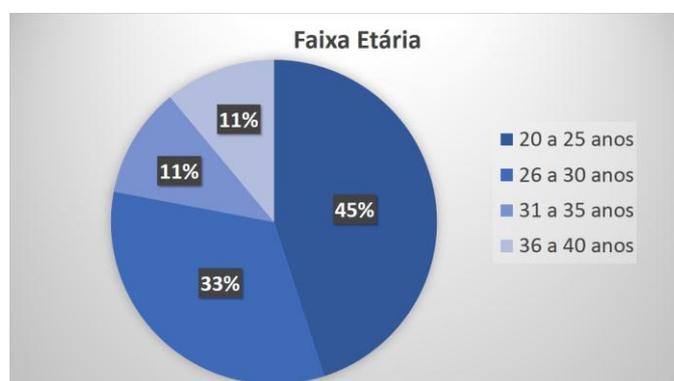
Com o decorrer dos anos, ele vem sendo mais aceito, chegando ao ponto de ser utilizado em projetos de revitalização e de inclusão social, além de adentrar as galerias de arte e museus o que faz com que receba conotação artística. Sobre as exposições de *graffiti* em museus e galerias, Santos afirma:

[...] as exposições fazem com que a sociedade passe a enxergar o *graffiti* de uma outra forma. As exposições, pelo que analisei, servem como forma de divulgação e como um modo também de se ter uma memória coletiva do *graffiti*, pois esta produção que por eles é feita na rua é algo efêmero, transitório, e que não perdura muito tempo, existe um registro fotográfico feito pelos praticantes, mas este registro acaba apenas circulando para aqueles que fazem parte ou estão próximos deste grupo, assim quem está fora do circuito do *graffiti* em João Pessoa não terá contato com esta memória. (SANTOS, 2010, p. 18)

### **O olhar do grafiteiro sobre o *graffiti* e sua relação com o turismo**

Foram aplicadas entrevistas a grafiteiros com o objetivo de traçar um perfil destes e mostrar suas opiniões sobre questões relacionadas ao *graffiti* e a ele como atrativo turístico. O contato com os artistas foi feito por e-mail e deu-se a eles a possibilidade de responderem as perguntas por essa ferramenta ou pessoalmente, deixando clara a preferência pela segunda opção. Foram entrevistados nove grafiteiros no total, sendo seis da cidade do Rio de Janeiro, dois de São Paulo e um de Niterói. Optou-se neste artigo por manter suas identidades em sigilo, se referindo a eles como: A., B., C., D., E. (única mulher entrevistada), F., G., H. e I.

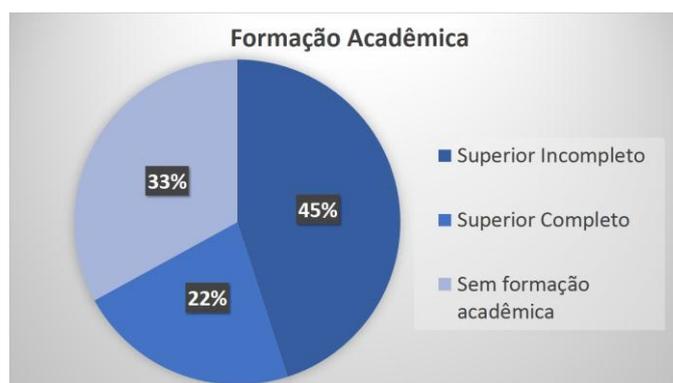
Pode-se perceber que dos entrevistados, a maioria era formada por jovens (20 a 25 anos - 45% e 26 a 30 anos – 33%), o que pode ser comprovado pelo gráfico (Gráfico 1) a seguir:



**Gráfico 1 Faixa Etária dos grafiteiros entrevistados**

Isto pode se dever ao fato do *graffiti* ser uma manifestação urbana recente, que tem poucos anos de existência, principalmente se o pensarmos como uma das vertentes do movimento *Hip-hop*.

Alguns dos entrevistados estão cursando a universidade (45%), apenas dois concluíram o ensino superior (22%) e três não possuem formação acadêmica (33%), como se pode perceber (Gráfico 2):



**Gráfico 2 Formação acadêmica dos grafiteiros entrevistados**

Ao serem perguntados sobre como começaram a grafitar, pode-se perceber que uns gostavam de desenhar desde pequenos, uns começaram pela pichação, outros com

oficinas de *graffiti*, também houve influências de outras pessoas e meios nos quais andavam, como praticantes de skate ou até mesmo por familiares.

Todos os grafiteiros entrevistados consideram o *graffiti* uma arte. Sobre o tema, F., design gráfico, afirma:

Com toda essa nova política de usar o *graffiti* como obras de revitalização, e principalmente, o fato de estarmos vendo o *graffiti* nas galerias, como quadros mesmo, o *graffiti* é levado ao patamar de arte, é a arte atual, é a arte de agora, é a arte das ruas.

H., estudante de Pintura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, retrata ainda certa dificuldade do *graffiti* ser aceito em meio acadêmico, mas mostra que ele vem conquistando seu espaço na sociedade:

Sim é arte, mas tem muita gente que ainda não aceita isso, principalmente na universidade. Professores e alunos. Basta olhar pra própria história, sabe? O homem por natureza sente a necessidade de se expressar, de marcar uma época, um lugar, contar uma história através das paredes, e isso é feito desde que o mundo é mundo. A cada dia o *graffiti* toma um espaço vital na sociedade marcando as ruas, galerias e salões de arte. E é justamente esta "migração" da rua para as galerias e museus que tanto causa preconceito com a arte de rua, tendo em vista que, o *graffiti* por sua natureza, tem um caráter urbano e de posição política e social. Com o tempo o *Grffiti* e a *Street Art* foram tomando uma maior visibilidade e, assim estamos nos tempos de hoje.

Todos os entrevistados já conseguiram trabalhos através do *graffiti* e consideram ele um meio de divulgação de seus trabalhos. Disseram que acontece com frequência e que fazem trabalhos com a técnica do *graffiti* em casas, lojas, dentre outros lugares. Alguns construíram toda a sua carreira profissional através dele, mesmo que não trabalhem apenas grafitando. Pode-se perceber que muitos trabalham com design, ilustração, em projetos sociais, com produção cultural, elaboração de projetos e em eventos, mas muitas vezes foi o *graffiti* que proporcionou tudo isso. D., um dos pioneiros da *Street Art* no Brasil e na América Latina desde 1984, afirma “Ninguém vive de *graffiti*. Eu vivo de arte.”

Quando questionados sobre a sua opinião sobre a pichação, foram obtidas respostas com visões diferentes. No geral, percebe-se que em sua maioria os grafiteiros não diferenciam a pichação do *graffiti*, acreditam que ambos são a mesma coisa. Alguns a tratam como forma de expressão, intervenção, protesto ou mesmo como uma vertente que difere do *graffiti*, pois é esteticamente feia. H. questiona:

Não entendo como as pessoas ainda diferem a pichação do *graffiti*. Tem o mesmo princípio, a mesma ferramenta, a mesma ideia de lugar e o mesmo produto final, que é a autopromoção. Vejo uma pichação e acho irada tanto quanto um *graffiti*, sabe? Está lá no muro, tem forma, cor, atitude, agressividade. E vem aquela mesma lenga-lenga de que um é bonito e o outro é feio, um é legal o outro é ilegal, um suja e o outro embeleza, mas todos esses rótulos de bom ou ruim, pode ou não pode, estão sujeitos a ótica do espectador. O que é pra um não é pra outro. Não tem uma linha reta. Por isso faço o que faço.

B., estudante de publicidade e propaganda, trata a parede como uma mídia e tenta explicar como foi ocorrendo a pichação durante os anos:

A parede é uma mídia. Sempre foi uma mídia que as pessoas utilizaram para poder escrever, se expressar e anunciar, só que realmente com o passar dos anos, a coisa da propriedade foi ganhando novos formatos e deixou-se de fazer uso até porque tem outras formas das pessoas usarem como mídia. Só que os populares, as pessoas comuns, continuam tendo necessidade de se expressar e não tem alternativa a não ser a parede, sabe? Eu acho que tem esse lado a ser entendido. Tem o lado também, não da limitação artística da pessoa, mas da maneira que ela aprendeu. Um fato é as pessoas terem esses preparos, outro fato é as pessoas não terem outra formação ou outro conhecimento, né? E a pichação acaba sendo uma consequência disso, desse conhecimento inicial da arte, um conhecimento preliminar. E faz parte da cidade desde que o mundo é mundo, desde que o homem é homem.

Apesar de toda a sua identificação com a pichação, B. é contra a pichação de monumentos, igrejas, dentre outros. Acredita que “a memória deve ser imaculada, preservada.”

Reforçando a ideia do *graffiti* como mídia, Rink diz:

Se toda ação social é construída em um tempo e em um espaço específico, assim como toda imagem comunica, quanto uma mensagem é pintada em um suporte arquitetônico e público a comunicação amplifica e atinge um número grande de pessoas. Por este motivo, tal como a mídia, a grafiteagem

Revista Itinerarium v.1 2013

faz circular conteúdos simbólicos e estas intervenções urbanas produzem ações imaginárias, ao mesmo tempo em que se estabelece uma vertente material fixa no espaço urbano. Os grafismos encontrados nas grandes cidades são produtos da imaginação individual e cultural e, de algum modo, provocam a sociedade em seus temas e pela possível visibilidade de um maior número de imagens. (RINK, 2011, p.75)

A grafiteira E. afirma “Eu picho, e acho relativo, depende da intenção do ato. Eu picho pra perguntar, pra questionar, pra fazer pensar. Não curto essa parada de vício, de fome de pichar, do mais alto. Acho que tudo tem momento e lugar. Esse é o meu fundamento.” Diante deste depoimento, percebe-se que pessoas que picham agem de diferentes formas. Em seu trabalho *Intervenção Urbana: Vandalismo ou Arte?*, Prosser mostra atitudes distintas que levam à pichação:

Uma, a daquele que suja por sujar, para se divertir, desafiar e transgredir uma certa ordem existente e agredir a sociedade em que vive e, concomitantemente, ser admirado por seus iguais, sejam eles do mesmo grupo ou tribo, sejam eles de grupos rivais. Outra, a daquele que quer chamar a atenção da autoridade constituída e/ou proprietário do imóvel em questão, incitando-o à ação, à resolução do problema da existência do imóvel ocioso, abandonado. E a terceira, a daquele que escreve suas mensagens de protesto nas paredes e nos muros da cidade, buscando uma conscientização do transeunte quanto aos assuntos e temas relevantes para a vida em sociedade e a vida do planeta. (PROSSER, 2006, p. 7)

A., um dos pioneiros do *graffiti* carioca, diz que tanto a pichação quanto o *graffiti* são o mesmo e que ambos são punidos, que o *graffiti* em sua essência é uma intervenção assim como a pichação, como se pode perceber no trecho que segue:

O *graffiti* está nessa atitude de rua, porque ele é intervenção. Porque a cidade já está engessada. Você dá um rolê em Copacabana, é tudo uniformizado e o *graffiti* está para levar a arte para rua. Não tem como você levar arte para rua com você pedindo autorização para todo mundo que está na rua. Você realmente tem que pegar e intervir. [...] E aí isso é vandalismo.

Todos os entrevistados acreditam que o *graffiti* pode ser um método de revitalização do patrimônio. Ele revitaliza, valoriza e muitas vezes, deixa os locais mais agradáveis. Lembrando que o patrimônio é um elemento fundamental para o turismo. I.,

estudante de Artes Visuais e morador de Niterói, afirma “locais antes esquecidos, depredados, ganham vida, em muitos países o *graffiti* passa a valorizar o imóvel.”

B. relata uma situação que viveu para exemplificar o fato do *graffiti* “reavivar” locais:

Tem um exemplo. Lá em Botafogo, ali na passagem subterrânea, debaixo do Aterro do Flamengo, naquelas pistas, em 2007 me convidaram para fazer um trabalho de revitalização lá, ia ter aquele evento *RedBull Air Race*. A *RedBull* queria deixar uma contrapartida para a cidade, uma contrapartida do evento e essa foi a proposta deles, a de revitalizar a passagem subterrânea do Mourisco. Na medida em que a gente estava pintando, convidei o A. também, chamei uma galera, os moradores elogiavam, passavam e comentavam “Antes eu tinha medo de passar aqui, era tudo abandonado, tudo largado e agora está super diferente, com certeza aqui vai se tornar um novo ambiente, mais agradável”.

Com o passar dos anos, o *graffiti* vem sendo mais valorizado pela sociedade em geral e começa a entrar em espaços como galerias, museus, dentre outros. Sobre essa entrada, Leal afirma:

Que o *graffiti* feito em telas, ou seja, desenhos produzidos com tinta spray utilizando como suporte telas, seja considerado arte atualmente, por quem está capacitado a dizer o que é arte, por quem detém legitimidade para isso (BOURDIEU, 1974), ou seja, os especialistas, os curadores, os *marchands*, o mercado da arte, parece não haver mais dúvidas. Inúmeros são os jovens que trabalham atualmente para galerias de arte, que, inclusive, já possuem um “valor de mercado”, como qualquer outro artista, ou seja, suas telas já partem de um determinado valor ao serem comercializadas, já podem inclusive ser vistos como “investimento” por colecionadores. Existem inclusive galerias voltadas exclusivamente para essa produção, como é o caso das Galerias Movimento Arte Contemporânea e Haus, ambas no Shopping Cassino Atlântico, em Copacabana no Rio de Janeiro e a Choque Cultural, em São Paulo. (LEAL, 2009, p. 23)

Há grafiteiros que consideram isso positivo, pois como toda arte, o *graffiti* também teria passado por um processo de evolução, o que valoriza o trabalho e o artista. D. afirma: “Desde os anos 70, o *graffiti* frequenta galerias e museus e se mantém nas ruas. Isso é normal. Nunca se vendeu, mas não deixou de evoluir.” Outros consideram que o que ocorre nas galerias são trabalhos nos quais é utilizada a técnica do *graffiti*. G., estudante da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro,



---

argumenta “*Graffiti* é na rua, na arte que vai pra galeria é usada a técnica de *graffiti*, mas não é *graffiti*.” A. acredita que o *graffiti* é uma intervenção e que intervenções podem ser feitas em qualquer lugar:

Para mim a ideia de *graffiti* é intervenção. Você pode fazer intervenção em qualquer lugar, dentro da sua casa você faz uma intervenção, entendeu? [...]. E acho que o *graffiti* enquanto ele faz um movimento, ele faz parte do *graffiti*. Agora quando ele não faz mudança nenhuma...

O trabalho dos grafiteiros vem sendo reconhecido e admirado cada vez mais, C., publicitário e morador da cidade Americana em São Paulo afirma “Quando comecei ainda tinha um certo preconceito, ainda mais em minha cidade Americana, no interior, hoje as pessoas reconhecem meu trabalho e valorizam mais a proposta na cidade”. I. diz que são reações comuns das pessoas são: perguntarem se o *graffiti* é autorizado, quem está bancando, desabafos a respeito da pichação, contatos de trabalho e às vezes, polícia. H. relata um caso de anos atrás:

Para ter uma ideia, em 2000, estava pintando na Tijuca quando começou a chover ovos em minha direção, logo depois chegou uma viatura da polícia e um policial militar desceu dizendo: “Perdeu!”. Calmamente me dirigi ao PM e comecei a dialogar. “Sou um artista, Sr.!” O mesmo vendo que se tratava de um *graffiti* entendeu e disse que, se a pessoa quem ligou para a polícia não aparecesse eu poderia continuar a pintura. Essa foi apenas uma das merdas que aconteceram durante uma pintura. Hoje existe uma certa tolerância e respeito.

B. fala sobre a mudança no comportamento das pessoas perante o *graffiti*:

[...]a sociedade como um todo começou a enxergar o *graffiti* de uma forma mais positiva. No Rio de Janeiro que tem essa característica, até a gente pode ver no Brasil um pouco, do *graffiti* ser um contraponto à pichação, porque no Brasil tem muita pichação, nas grandes cidades, Rio, São Paulo, Sul, Minas, ali em Belo Horizonte e Salvador, várias delas. E as pessoas encaram o *graffiti* de uma maneira positiva porque ele é colorido, ele tem a ver também com o humor do brasileiro, com a maneira do brasileiro, descontraída e tal, o *graffiti* é informal, então ele deixa as ruas mais alegres, ele ambienta. Por causa dessa identidade forte que as pessoas adquiriram com o *graffiti*, através da mídia também que começou a divulgar bastante assim a cultura urbana, arte de rua, o *graffiti* especialmente. Então, quando eu comecei a 12 anos atrás pintando na rua, a gente era abordado direto por policial, tinha gente que passava “Ah pichador!” e não sei o que, zoando, e aí com o decorrer dos anos, a arte na verdade também foi melhorando, as ruas foram começando a ganhar uma coisa um pouco mais elaborada, um

pouco mais agradável, né? E aí as pessoas começaram a gostar, na verdade, passaram a se identificar cada vez mais e não teve jeito, começou a aumentar também o número de grafiteiros. Então a arte começou a ocupar mais espaço e isso se tornou mais comum, né? E hoje em dia a reação é tipo assim, a gente está pintando, passa um policial, o cara pára: “Pô, faz aí o escudo do Flamengo. Faz o escudo do meu time aí!”. Então é uma coisa que realmente ganha empatia do povo.

O grafiteiro é tido por muitos atualmente como o artista da contemporaneidade que entra nas galerias dialogando com a arte pré-stabelecida. Sobre o assunto, Alves Netto ressalta:

A ilicitude do feito sacode as estruturas arcaicas da arte exposta nas galerias. O ato de grafitar transgride e transmuta o patrimônio, encastelado, encaixotado, para uma melhor digestão. *Mutatis mutandis*, o fenômeno que começou originalmente nas ruas, transgredindo os espaços públicos e privados, agora toma de assalto as vernissages e saraus de arte. Estas pessoas, agora alçados ao patamar de artistas da contemporaneidade, dialogam com a arte pré-estabelecida, e introduzem novamente o sentido de *avant-garde*. O *graffiti* dialoga com várias mídias e suportes, seja através da inscrição nas paredes, seja disseminado pelos dançarinos de rua e sua música cadenciada, na mistura de ritmos e vertentes musicais. A visualidade, a oralidade, a poesia, a postura do grupo que procura uma particular identidade, todos estes elementos misturados nos dão uma idéia da potência criadora deste acontecimento da pós-modernidade. Anonimato, ilegibilidade, mistura, saturação, silêncios e ausências. O *graffiti* nos impulsiona para além. (ALVES NETTO, 2009, p.10)

Toda essa mudança de pensamento tem levado até mesmo a incentivos do governo com relação ao uso do *graffiti* em projetos de revitalização, como é o caso do painel dos Bambas da Lapa, no Rio de Janeiro. Todos os grafiteiros entrevistados consideram esses incentivos positivos, pois valorizam o trabalho dos artistas e fazem com que eles estejam sempre tentando melhorar. Esses incentivos podem ser também uma forma do governo investir no *graffiti* como um contraponto à pichação, mas isso de certa forma é algo positivo, pois abre maiores possibilidades aos artistas, ou seja, os pichadores podem se interessar pelo *graffiti* e com isso conseguir trabalhos. D. ainda afirma sobre os incentivos: “Importante, pois custa muito pouco e traz um resultado muito bom quando é bem organizado e tem boa curadoria.”

Alguns grafiteiros afirmaram que exercem relação com sua cidade na hora de fazer seu trabalho. Uns já fizeram trabalhos inspirados nela, outros nas pessoas que vivem nela e há ainda os que dizem que ela interfere na maneira de ser de sua obra. C.



exemplifica “Acredito que se eu morasse em São Paulo capital meu trabalho não teria uma certa leveza, seria mais carregado.” Sobre a relação do artista de rua com a sua cidade, Prosser aponta:

Ele não a usa como suporte da sua expressão, mas incorporando-a ao seu discurso, à sua identidade. A cidade aparece na intervenção urbana ora como amada, ora como símbolo da sociedade estabelecida contra a qual o artista de rua protesta. Aparece ora como ninho e lugar da vida, ora como lugar desolado do “progresso”. Ora como veículo do rabisco e da agressão, ora como testemunha do lirismo e da paixão. Pode-se afirmar, pois, que o artista de rua, apesar da sua opção pela via em certa medida iconoclasta e anárquica (ARCE, 1999, p. 8), é intensamente comprometido com a sua cidade e com a sociedade em que vive e que sua manifestação, seja qual for o seu nível de complexidade, tem, mais frequentemente do que parece a um primeiro olhar, preocupações políticas, sociais e estéticas. Trata-se, portanto, de uma arte intimamente integrada ao seu tempo e ao seu lugar. (PROSSER, 2006, p. 12)

Todos os entrevistados concordam que o *graffiti* tem potencial para ser um atrativo turístico. D. fala sobre este fenômeno que vem ocorrendo: “Já existe em São Paulo diversas agências com *graffiti tour*. Até guia de turismo visitando as obras nas ruas e avenidas. Isso vai ser a próxima grande revolução da arte no mundo. Isto já está acontecendo.” Sobre a questão, se referindo mais especificamente ao *graffiti* no Brasil, H. diz que “o *graffiti* brasileiro é um dos melhores do mundo e o Rio está enquadrado nessa estatística. Temos uma variedade de traços e formas. Acho que tem um pouco a ver com nosso povo mesmo.” Ainda sobre o tema, C. diz:

São Paulo, Rio, Belo Horizonte, entre outros estados estão se tornando uma galeria a céu aberto, cada dia vemos novos artistas e novos trabalhos interessantes nas ruas, cada vez mais com conteúdo e qualidade. São Paulo principalmente tem uma variedade de estilos muito grande não é à toa que pessoas de outros países vêm até São Paulo para ver e fazer os passeios turísticos.

É notória muitas vezes a diferença de um *graffiti* de um lugar para outro o que comprova que ele mostra a identidade de um povo local. Vem carregado de questões sociais locais, arte e traços dos grafiteiros que ali vivem. “Muitas vezes somente os grafites são capazes de produzir um aspecto particular e uma estética específica para aquele lugar.” (RINK, 2011, p.72). Rink ainda completa:



---

Muitas vezes as pessoas podem ter encontros inesperados diariamente com grafites que mostram com frequência as preocupações, esperanças, valores e memórias de uma comunidade. Os grafites são os registros simbólicos dos caminhos históricos e psíquicos percorridos por uma sociedade ou grupo urbano, mas também podem ser considerados formas de construção do futuro. (RINK, 2011, p. 76)

É possível identificar um público diferenciado que se interessa pelo *graffiti*. A. fala como seria o perfil desse turista:

É o atrativo turístico de um outro público, de pessoas pensantes, de pessoas de vários pensamentos porque tem as pessoas que pensam na estética do *graffiti*, tem as pessoas que pensam no conteúdo dele. Tem as pessoas que pensam em aprender, viver e experimentar. Acho que vai gerar um turismo mais seletivo. E acho que é o que está precisando, né? A gente só tem explorações aqui.

B. complementa, focando no Rio de Janeiro:

É um público jovem, porque, por exemplo, o Rio de Janeiro é um destino de uma infinidade de pessoas, uma infinidade de perfis, mas ele tem uma jovialidade muito grande, ele tem essa coisa de atrair os jovens, tem esse calor. Então cultura urbana hoje em dia a gente pode ver que é o seguimento que mais cresce a nível de mercado, o que na verdade é a cultura dos dias de hoje, né? [...] Acho que ele tem um potencial e o *graffiti* do Brasil, particularmente do Rio de Janeiro, tem uma identidade própria, uma cara original que acaba tendo mais um apelo, né?

Diante da discussão do *graffiti* como atrativo, será analisado o caso concreto de *graffiti* como atrativo turístico nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo – as Casas-Tela.

### **Circuito Casas-Tela do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo: Um caso de turismo**

Nas favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, localizadas na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, entre os bairros Copacabana, Ipanema e Lagoa, foi fundado em 2008

o Museu de Favela (MUF). Este museu é um museu comunitário, conforme fala Mário Chagas:

As experiências de museus comunitários valorizam as pessoas, valorizam as comunidades, valorizam o desenvolvimento local sustentável. Têm um outro foco. Os acervos são importantes, mas eles são um pretexto para o desenvolvimento comunitário. Os espaços, os edifícios onde os museus se instalam podem ser importantes, mas, continuam sendo pretexto para o desenvolvimento comunitário. Todos esses elementos: as coleções, os acervos, o patrimônio, o local, tudo passa a ser uma estratégia a favor do desenvolvimento social daquela comunidade. (CHAGAS apud MORAES, 2011, p.1)

Para Moraes “O primeiro grande acervo do Museu de Favela são as Casas-Tela, projeto que une os anseios dos diretores do Museu e suas noções de Museu Comunitário.” (MORAES, 2011, p.03). No projeto original, contemplado com recursos do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) eram 20 Casas-Tela distribuídas pelas comunidades que tem o objetivo de contar sua história e preservar o patrimônio e a “cultura da favela”.

As Casas-Tela começaram a ser pintadas em julho de 2010, feitas com base em entrevistas realizadas por fundadores do Museu de Favela com os moradores mais antigos das comunidades. Todas as informações coletadas foram passadas para os grafiteiros que estavam sob a coordenação do Acme, grafiteiro, coordenador do projeto das Casas-Tela e então presidente do Museu de Favela. A partir de um acordo com moradores, eles autorizaram a pintura das paredes de suas casas e definiram junto com os grafiteiros as telas que seriam pintadas/grafitadas (MORAES, 2011).

Sobre o processo de criação das Casas- Tela, Moraes diz:

No processo de criação do grafite que é ao ar livre, o artista pinta com pessoas passando na rua; a pintura, que é feita de dia, a noite ganha um novo efeito inesperado até para o artista, com uma iluminação especial para a casa, e o mesmo acontece quando a pintura é feita à noite e de dia ganha novos coloridos. A isto podemos acrescentar ainda a novidade de grafites nas paredes de casas, paredes que têm portas e janelas, que quando o morador aparece na porta ou na janela, passa a fazer parte da tela e a modifica – é o que os diretores do MUF chamam de “pintura viva”.

As Casas-Tela surgem assim, como um projeto que une a cultura *hip hop*, a memória, e torna-se um potencial atrativo turístico, para um museu de território / comunitário, na mediada em que sua exposição é a céu aberto e viva, como desejam os diretores do MUF. (MORAES, 2011, p, 04)



---

As Casas-Tela têm como organização mantenedora e gestora o Museu de Favela – MUF, ONG que possui CNPJ, site e telefone para contato. O MUF também funciona como uma central para receber turistas.

As Casas-Tela são um atrativo turístico sinalizado de forma diferenciada. No decorrer do roteiro há mãos abertas pintadas com uma descrição para guiar as pessoas pelos *graffitis*. A mão aberta representa a receptividade. Interessante notar que o roteiro é contado por passos e isso pode também ser percebido durante o caminho através de pinturas, como, “Passo 1662”.

Os meios de acesso para o atrativo são o Metrô Rio na Estação General Osório em Ipanema, a pé ou pelo plano inclinado em Pavão-Pavãozinho, entrada da favela por Copacabana.

A visitação pode ser feita todos os dias, vinte e quatro horas por dia (por ser a céu aberto) e pode ser ou não guiada (gratuita), tendo uma duração de aproximadamente três horas. A visita guiada tem horários certos e tem que ser agendadas com o museu. Elas são pagas e o valor varia de acordo com o tamanho do grupo ou demanda por tradutor, já que os mediadores culturais do museu (monitores), não falam outras línguas. Todos os mediadores culturais são capacitados e moradores da comunidade e a contribuição econômica tem por objetivo apoiar a sustentabilidade das Casas-Tela dos moradores e o mediador cultural. Há um limite quanto ao número de visitantes na visita guiada pelo fato desta alterar a dinâmica da comunidade. No decorrer das favelas há lugares para alimentação, o que gera renda para o local.

No ano de 2011, o circuito das Casas-Tela era demarcado por dois portais, um na Rua Saint Roman 200 e outro no Amor Perfeito, entrada da favela por Copacabana. Acme diz que os roteiros são delimitados pelos portais, pois “o portal representa a transição entre duas dimensões, na minha visão ele institucionaliza e penso que quando você passar por ele vai ver algo extraordinário.” Em 2013, o museu já possui outros portais e pretende construir outros.

A seguir serão apresentadas algumas Casas-Tela e seus conteúdos de memórias. A primeira Casa-Tela do Cantagalo (Figura 1), também conhecida como Paredão Museal, apresenta as primeiras três fases dessa comunidade: a primeira que foca no quilombo, a segunda que foca no trabalho dos moradores na construção civil, principalmente em hotéis em Copacabana e Ipanema (representado na camisa dos personagens) e a terceira que foca na chegada dos mineiros. O *graffiti* apresenta um lago azul que representa a Lagoa Rodrigo de Freitas, que na época era propícia para banho e pesca e também retrata o Morro do Pinto, atual Parque da Catacumba.

As três fases foram retratadas em meio rural, pois Acme julgou importante pela época e diante de leituras. Envolvendo a questão rural, a Casa-Tela conta com a imagem do galo cantando no terreiro. Galo este que deu nome à comunidade e acordava o morador. O Galo tornou-se um símbolo da comunidade do Cantagalo. Essa Casa-Tela logo fica conhecida também como “Alvorada do Galo”.



**Figura 1 Casa-Tela 1 "Alvorada do Galo". Foto: RODRIGUES, Fernanda. 2013.**

Há um painel que conta com o traço realista do grafiteiro Bobi, a Casa-Tela 3. Possui a imagem de uma mulher com uma lata de água na cabeça usando uma rodília que é um símbolo da época. Há um vendedor de caixote bem vestido, sorridente, com visão de futuro, de braços abertos, convincente, tentando vender seu produto, que seria o futuro lar do morador, a casa de caixote. A casa foi pintada de preto e branco para passar seriedade, o fundo é colorido. A mesma parede conta com o desenho de uma grande bica, representando a primeira bica da década de 60 que foi colocada pelo político Carlos Lacerda. A bica, apesar de ser apenas uma, foi um marco para a comunidade, pois além de abastecer os lares, diminuiu as subidas e descidas diárias.

A Casa-Tela 5 retrata o lazer comunitário e suas diversas formas. Os grafiteiros Davi e Pacato de Niterói que utilizam um estilo cubista foram os grandes responsáveis pela arte. Há no painel o rosto de um menino olhando para uma bola, representando o sonho de todo menino de favela de ser jogador de futebol.

A Casa-Tela 6 foi pintada por Cajá e Combo que fazem parte do Espaço Rabisco e da Posse 471 de Caxias. O painel representa a Folia de Reis que sempre foi muito esperada pelo morador, a chegada do catolicismo, com a imagem do Papa acompanhando a procissão e o Gurufim, que era o velório dentro de casa. No passado o catolicismo era a religião predominante, mas a umbanda também tinha muito adeptos.

A Casa-Tela 7, pintada por Vitorino, morador da comunidade, artista de *Naif* (pintura primitiva feita por pintores autodidatas) que também trabalha com spray. Sua arte é relativa à falta de energia elétrica e depois o progresso que chega a comunidade. Vitorino retrata a noite e uma lua cheia que ilumina o céu. Com a falta de luz, os moradores costumavam contemplar a lua no passado.

Iniciando o percurso do Pavão e Pavãozinho, temos a Casa-Tela de origem histórica. Foi pintada pelos grafiteiros Acme, Sark e Carbonel. Carbonel grafitou um trio de forró, já que ele é nordestino e se identificou com a população nordestina do Pavão e Pavãozinho que aprecia o ritmo. Acme pintou um sambista carioca e Sark homenageou o povo “caipira” grafitando um personagem usando um grande chapéu. A arte remete o povo chegando no “pau de arara”, as pessoas desembarcavam com malas

de madeira do caminhão trazendo tudo o que tinham. Essa foi a forma de retratar a origem histórica de Pavão e Pavãozinho.

A Casa-Tela 14 foi feita por Acme e Sá. Retrata a figura de dois rapazes conversando na porta de casa com a comunidade atrás. A inspiração surgiu em virtude da falta de luz elétrica no passado que permitia uma maior aproximação entre as pessoas. Uma curiosidade é que o painel foi construído depois que foi apagada a figura de uma baiana que representava o candomblé, pintada pelo visitante francês Vicent. A arte gerou certa polêmica na comunidade, o que demonstra o preconceito em torno da religião.

A arte da Casa-Tela 16, desenvolvida por Acme, Bruto (da Freguesia) e Cash (Tijuca), tem como base o abastecimento de água (desenho de bicas d'água). Foram reavivadas as negociações em torno do carregamento das latas d'água, das pessoas de mais idade que pagavam um mais jovem para carregar. O cifrão usado no painel representa a moeda da época que era o Cruzeiro. Esta mesma Casa-Tela homenageia Leonel Brizola que fez uma série de obras na comunidade e que é idolatrado até hoje pelos moradores e ainda mostra a figura de migrantes que chegam à comunidade predispostos a conhecer alguém e constituir família. Estão contidos no painel: a paquera na janela, a garrafa de cerveja com o número 42, representando a década de 40, pedido de casamento (desenho da aliança) e o Cristo Redentor.



**Figura 2 Casa-Tela 16 "Sobrevivência, Paquera e Brizola". Foto: RODRIGUES, Fernanda. 2013.**

Como analisado, as Casas-Tela constituem-se como um potencial atrativo turístico, o que mostra a força que o *graffiti* vem adquirindo. Visitantes<sup>3</sup> têm freqüentado as favelas em questão para fazer o circuito das Casas-Tela e já ocorreram alguns “Visitões” na região, que foram visitas experimentais organizadas pelo MUF com o apoio da UNIRIO, o que demonstra como o *graffiti* pode ser utilizado como atrativo turístico.

Em uma reportagem de julho de 2013 do jornal O Globo intitulada “Paredes da Memória que colorem o morro”, uma moradora da comunidade comprova que o circuito já se configura como atrativo turístico:

O povo para mesmo para perguntar — conta dona Regina, nascida e criada no Cantagalo, tratando por “povo” os turistas brasileiros e estrangeiros que visitam o MUF. — Dá orgulho, né? A casa ficou bonita. Minha mãe, que veio de Santo Antônio de Sapucaia, sem ter um teto para morar, iria ficar orgulhosa. (HELENA, 2013)

---

<sup>3</sup> A Organização Mundial do Turismo (OMT) define visitante como: Toda pessoa que se desloca de um lugar diferente de seu entorno habitual por um período inferior a 12 meses, cuja finalidade principal da viagem não seja de exercer uma atividade remunerada no local visitado. Dias (2008). Sendo assim os visitantes incluem turistas e excursionistas, tanto nacionais quanto internacionais. Por turistas, de acordo com a OMT entendem-se visitantes que pernoitam. E por excursionistas: visitantes de um dia, sem pernoite.

Se entendemos o *graffiti* como arte, podemos considerar que este pode se adequar na tipologia ou no segmento do turismo cultural. Richards fala sobre o conceito deste tipo de turismo:

[...] a OMT propôs uma definição mais “estreita”, a qual abarcava movimentos de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações. O aspecto central nessa definição é que o turismo cultural envolve “essencialmente motivações culturais”. (RICHARDS, 2009, p.26)

O *graffiti* ainda pode ser visto como um elemento que revitaliza o patrimônio arquitetônico (paredes, túneis, passagens, etc), tornando os locais mais agradáveis. Patrimônio é um elemento fundamental para o turismo, definido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) da seguinte forma:

O patrimônio é o legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade. (UNESCO, 2011)

No MUF, o *graffiti* revitaliza as casas dos moradores e ressignifica o espaço cotidiano das comunidades, uma vez que se estabelece uma nova interação não só entre os moradores e seu ambiente cotidiano que é alterado visualmente como entre estes e os visitantes. As Casas-Tela são patrimônio das comunidades, contém sua identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do *graffiti* demonstra que a pintura dos muros é algo intrínseco ao homem, pois desde a pré-história, ele vem deixando suas marcas nas paredes. A parede torna-se uma mídia, encontramos desenhos, mensagens de protesto e até mesmo as propagandas nela.

Como pudemos notar neste estudo os *graffittis* são um novo atrativo turístico, como já são os casos de Miami, São Paulo, e em especial no Circuito Casas-Tela em Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, podendo fazer parte do segmento Turismo Cultural. O seu reconhecimento como atrativo turístico agrada aos artistas e aos turistas e já existem roteiros sendo vendidos por agências de viagens. Aos turistas interessa, pois se há um produto disponível no mercado, há um público interessado em consumir este produto, e por sua vez, surge um novo nicho de mercado turístico que precisa ser analisado e planejado.

O *graffiti* seria um atrativo que mostra a identidade do local, pois o traço dessa arte muda de artista para artista e de local para local. É uma manifestação artística e expressão de identidade de um grupo social. A entrada do *graffiti* em galerias e museus abre uma nova oportunidade para ele atingir um maior público. Museus e galerias sempre atraíram grande número de turistas e a entrada do *graffiti* nesses ambientes é mais um ponto alto para que ele seja um atrativo.

Nota-se que o *graffiti* tem potencial para ser um atrativo turístico democrático, pois se encontra nas ruas, sendo de fácil acesso a toda a sociedade e tem gerado um fluxo de pessoas que o buscam. Com um público “engajado” nas questões sociais e artísticas, o *graffiti* tem fortes chances de ser o novo atrativo turístico dos grandes centros urbanos, propondo uma nova revolução no campo das artes e no turismo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. T. Graffiti: Amor ou ódio? **Imaginar - Revista da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual**. N°50, julho de 2008.

ALVES NETTO, J. A. Arte e Cidade: A cidade como suporte das intervenções artísticas na modernidade e pós-modernidad. In: II Encontro Cidades Novas - A construção de políticas patrimoniais: mostra de ações preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do país. Unifil, 2009. P. 01- 12.



---

BLANCO, I. **Wynwood Walls: Os Gêmeos grafitam Miami**. Disponível em: <http://blogdaretro.uol.com.br/?p=5859> . Acesso em: 03/07/2011.

BRASIL, Decreto nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Artigo 163. Código Penal. Disponível em: [http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp\\_DL2848.pdf](http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf). Acesso em: 10/11/2011.

BRASIL, Lei nº9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Presidência da República. Congresso Nacional. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9605.htm). Acesso em: 10/11/2011.

BRASIL. Lei nº12.408, de 25 maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Presidência da República. Congresso Nacional. Brasília, DF. 11 de maio 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm) . Acesso em: 03/07/2011.

ENDO, T. S. **A pintura rupestre da pré-história e o grafite dos novos tempos**. Trabalho de conclusão de curso de Pós Graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. CELACC/ECA/USP, 2009. Biblioteca Digital do Celacc; Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação. Disponível em: <http://www.usp.br/celacc/ojs/index.php/blacc/article/view/215/239> . Acesso em: 03/07/2011.

EZABELLA, F. Grafites de São Paulo se transformam em roteiro turístico. **Folha de São Paulo, São Paulo**, 10 de jun. 2009.

FANTÁSTICO. **Grafites brasileiros em castelo na Escócia acabam na Justiça**. Disponível em: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL1672646-15605,00-GRAFITES+BRASILEIROS+EM+CASTELO+NA+ESCOCIA+ACABAM+NA+JUSTICA.html>. Vídeo. 2011. Acesso em: 14/11/2011.

GITAHY, C. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HELENA, L. Paredes de memória que colorem o morro. **O Globo, Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/paredes-da-memoria-que-colorem-morro-9112401>. Acesso em: 26/07/2013.

IPHAN. **O que é Patrimônio Cultural?** Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/montarPaginaSecao.do?id=15481&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 03/07/2011.

LEAL, A. L. P. **Um Olhar sobre a cena do graffiti no Rio de Janeiro**. 2009. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) Universidade Federal Fluminense – UFF/PROPPI, Niterói, 2009.



---

MACDOWALL, L. Castelo grafitado por brasileiros é alvo de controvérsia na Escócia. **DW-World.de**. 2011. Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,15373522,00.html> . Acesso em: 15/09/2011.

MORAES, C. M. S. A Alegoria das Casas Telas: Turismo e Patrimônio no Museu de Favela. In: IX Reunião de Antropologia do MERCOSUL: Culturas, Encuentros y Desigualdades, 2011, Curitiba. UFPR.

MUSEU DE FAVELA. **Roteiro Casas Tela**. Disponível em: <http://www.museudefavela.org/boxes-content/passeio-do-muf/> . Disponível em: 20/06/2011.

POZOS, J. A. P. El Graffiti: su evolución y percepción social a favor o detrimento de una ciudad. **Topofilia. Revista de Arquitectura, Urbanismo y Ciencias Sociales**. Hermosillo: Centro de Estudios de América del Norte, El Colegio de Sonora, 1 de abril de 2009, vol. I, núm. 3.

PROSSER, E. S. Intervenção urbana: vandalismo ou arte?. In: I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, 2007, Curitiba. **Anais do I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Depto. de Geografia, 2006. p. 13 Páginas.

RICHARDS, G. Turismo Cultural: Padrões e Implicações. In: CAMARGO, P.; CRUZ, G. (organizadores) **Turismo Cultural – Estratégias, Sustentabilidade e Tendências**. Editus – Editora da UESC, 2009. p. 25-48.

RINK, A; METRAU, M. Grafitagem: resistência e criação. **Revista Tamoios**, UERJ, 01 fev. 2011, p. 71 - 85.



---

SABINO, Glauco. Turismo de Grafite em SP. **Blog Descolex**. Disponível em: <http://mtv.uol.com.br/descolex/blog/turismo-do-grafite-em-sp> . Acesso em: 02/06/2011.

SANTOS, P. S. Arte nos Muros: Um Estudo sobre o Graffiti na Cidade de João Pessoa. In: II Seminario Nacional de Sociologia e política, 2010, Curitiba. **Anais do II Seminário Nacional Sociologia & Política: Tendências e Desafios Contemporâneos**, 2010. v. 8. p. 03-24.

SILVA, C. E. G. da. Entrevista concedida a Rita de Cassia Santos Pinto. Rio de Janeiro, 2010.

UNESCO. **O Patrimônio: legado do passado ao futuro**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/#c154835> . Acesso em: 03/07/2011.

TV IG. **Painel de grafite na Lapa no RJ**. Disponível em: <http://tvig.ig.com.br/variedades/painel+de+grafite+na+lapa+no+rj-8a4980262ded265d012ded5b2add25a2.html>. Vídeo. Acesso em: 02/06/2011.